

EFEITO DA METRITE NA SAÚDE UTERINA AO FINAL DO PUERPÉRIO

Paula Mara Ribeiro Troncha¹, Soraia Rage Rezende², Felipe Benedetti Justo², Amanda Lima Rezende², Oglênia Pereira Ramos², Paula Batista de Alvarenga², João Paulo Elsen Saut²

RESUMO

Vacas com metrite têm maiores chances de serem abatidas pelo mau desempenho na produção leiteira e baixa eficiência reprodutiva, além de predispor a outras infecções uterinas como a endometrite clínica e citológica e aumentar o risco de morte. Essas doenças que são frequentes em rebanhos de vacas leiteiras, são de grande importância por reduzirem o desempenho reprodutivo devido à redução das taxas de concepção e prenhez, uma vez que o ambiente uterino não está apto a receber o embrião devido à persistência da inflamação. Objetivou-se avaliar a eficácia do diagnóstico e tratamento precoce da metrite, baseada na avaliação de citologia endometrial e descarga vaginal ao final do puerpério. Foram utilizadas 29 vacas leiteiras mestiças, sendo 23 com pós-parto fisiológico e seis com metrite puerperal aguda e tratadas com oxitetraciclina LA (20 mg/Kg). Os animais foram examinados clinicamente no parto e aos 7, 14, 21, 28 e 43 dias pós-parto (dpp) e procedido o exame ginecológico, por meio de palpação retal, ultrassonografia transretal (DP 2200vet - Mindray[®]) e avaliação da secreção vaginal. Além destes exames, aos 43 dpp foi realizada a técnica de citologia endometrial (*cytobrush*) e as lâminas coradas pelo método de May-Grunwald Giemsa para avaliação em microscopia de luz. A citologia endometrial foi feita a partir da contagem de 100 células, no aumento de 1000x, sendo classificada como endometrite citológica a porcentagem de polimorfonucleares superior a 5%. Os

dados foram analisados através do teste exato de Fisher, utilizando o programa Minitab[®]. Observou-se diferença significativa ($p = 0,02$) na proporção de vacas com endometrite citológica entre os grupos, sendo 26,1% (6/23) nos animais com puerpério fisiológico e 83,3% (5/6) nas vacas com metrite. Em relação à descarga vaginal ($p=0,18$), verificou-se que 33,3% (2/6) das vacas do grupo metrite e 8,7% (2/23) do grupo fisiológico apresentaram secreção muco-purulenta a purulenta aos 43 dpp. Dos animais com secreção vaginal cristalina (grupo fisiológico) aos 43 dpp, 23,81% (5/21) permaneceram com endometrite citológica. No grupo metrite, das quatro vacas que apresentavam muco limpo, 50% (2/4) apresentavam endometrite citológica. Concluiu-se que os animais que apresentaram metrite no pós-parto, mesmo tratados, tiveram uma maior incidência de endometrite clínica e endometrite citológica do que os animais com pós-parto fisiológico. E a observação do muco cristalino aos 43 dpp não é indicativo de que o animal já está apto ao manejo reprodutivo convencional, visto que alguns dos animais com puerpério fisiológico e, especialmente, aqueles com metrite puerperal aguda, ainda permanecem com inflamação endometrial. Portanto, o diagnóstico precoce e tratamento imediato evitam a progressão da metrite, mas não necessariamente, a recuperação total do ambiente uterino e a cura da doença.

Palavras-chave: citologia endometrial. Imunidade uterina. Puerpério

¹Residente em clínica e cirurgia de grandes animais, Universidade Federal de Uberlândia; Av. Pará, 1720, Uberlândia, Minas Gerais, BRASIL; paulartvet@gmail.com

²Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, MG.